



**XII WORKSHOP**  
**II ESCOLA DE VERÃO**  
**PPGECM - UFPR**  
07 A 11 DE MARÇO DE 2022 - CURITIBA - PR



DOI: 10.5380/12ppgecm2022.resumo17p117-122

## **BIOGRAFIA DE MULHERES AMBIENTALISTAS DA GRANDE CURITIBA COMO INSTRUMENTO PARA ELABORAÇÃO DE RECURSOS LÚDICOS NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**SCHIMANSKI, Ana Maria<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>[schimanskianamaria@gmail.com](mailto:schimanskianamaria@gmail.com)

**CLEOPHAS, Maria das Graças<sup>2</sup>**

<sup>2</sup>[mgcp76@gmail.com](mailto:mgcp76@gmail.com)

**Área de Concentração: Educação em Ciências**

**Linha de Pesquisa: Ensino e Aprendizagem de Ciências e Matemática**

**RESUMO:** O objetivo geral de nossa investigação é apurar à luz do ecofeminismo as possibilidades de construção de recursos lúdicos para a Educação Ambiental a partir de biografias de mulheres da Grande Curitiba. Para isso, apresentaremos o ecofeminismo e construiremos teoricamente uma relação entre ciência, gênero, território e meio ambiente; recuperaremos brevemente a Educação Ambiental no Brasil e verificaremos o espaço que as mulheres receberam ao longo da história desse campo; e apresentaremos a biografia de três mulheres ambientalistas da Grande Curitiba e como suas histórias de vida respondem aos conceitos teóricos construídos e podem ser usadas na elaboração de um recurso didático lúdico. Com os dados coletados, faremos uma análise por meio da metodologia de história de vida, cujos elementos nortearão a criação de um jogo de tabuleiro em tamanho real, no qual os estudantes circularão e vivenciarão desafios articulados com as biografias adotadas.

**PALAVRAS – CHAVE:** Educação Ambiental. Recursos Didáticos. Revisão Integrativa de Literatura.

### **INTRODUÇÃO**

A educação brasileira está em constante transformação à luz de fenômenos sociais. Segundo os Parâmetros Nacionais Curriculares, o Ensino Básico precisou conciliar na história recente duas estratégias: sua expansão e uma revisão de práticas e compreensões. Segundo o documento, esse âmbito educacional “passa por revisões radicais nas suas formas de organização institucional e nos seus conteúdos curriculares” (BRASIL, 2000, p. 59).

Um exemplo disso se refere à educação para a cidadania, desafio que vai além de um elenco de conteúdo a serem abordados. Em vez disso, é importante que haja uma implicação política e social na abordagem curricular. Isso passa por tópicos como “qualidade de vida, meio ambiente saudável, igualdade entre homens e mulheres, enfim, ideais afirmativos para a vida pessoal e para a convivência” (idem, p. 60). Dessa forma, pode-se perceber que a necessidade de promover a educação ambiental e também uma educação de gênero estão imbricadas.

O ecofeminismo é um campo do conhecimento que dialoga com esse pressuposto. Segundo Zein (2017, p. 1), trata-se de “um ramo do feminismo que vê o ambientalismo e o relacionamento entre as mulheres e a terra como fundamentais para sua análise e prática”. Em uma cultura patriarcal, em que homens dispõem da exploração da natureza e também das mulheres, o ecofeminismo aparece como um lugar de potência crítica e de transformação de práticas vigentes.

Centro Politécnico – s/n – Edifício da Administração – 4º Andar – CEP 81.531-990 – CP 19.081 –  
Jardim das Américas – Curitiba – PR  
[ppgecm@ufpr.br](mailto:ppgecm@ufpr.br) [www.ppgecm.ufpr.br](http://www.ppgecm.ufpr.br)

ISSN: 2525-6645

DOI: 10.5380/12ppgecm2022.resumo17p117-122

A esse respeito, Susan Buckingham define o seguinte:

o ecofeminismo argumenta que a dominação das mulheres e a degradação do meio ambiente são consequências do patriarcado e do capitalismo. Qualquer estratégia para abordar um deve levar em conta seu impacto sobre o outro, de modo que a igualdade das mulheres não seja alcançada às custas da degradação do meio ambiente, e tampouco as melhorias ambientais devam ser obtidas às custas das mulheres. Na verdade, o ecofeminismo propõe que somente invertendo os valores atuais, privilegiando assim o cuidado e a cooperação em vez de comportamentos mais agressivos e dominadores, a sociedade e o meio ambiente podem se beneficiar (BUCKINGHAM, 2015).

Segundo Zein, que deseja apresentar as principais vozes do ecofeminismo, há uma solidariedade entre todos os grupos marginalizados do mundo. Essa compreensão está presente desde a obra *Le Féminisme ou la Mort*, publicada em 1974 por Françoise d'Eaubonne, que inclui e relaciona a dominação da natureza (animais, terra, água, ar etc) à exploração e a opressão de classe, de gênero e étnica.

O ecofeminismo permite refletir, dessa forma, sobre as mulheres e sobre “corpos não-humanos” (ZEIN, 2017, p. 2) abrindo uma questão sobre o espaço ou o território da dominação. E pode-se questionar também o contrário: que oportunidades de criação de conhecimento residem nesse território físico e simbólico que articula categorias ambientais e de gênero?

Essa é uma pergunta de fundo que orienta nossa visão sobre o problema e cujas respostas podem oferecer um subsídio importante no resgate da história de vida de mulheres paranaenses que trabalham sobre a Educação Ambiental.

O objetivo geral de nossa investigação é apurar à luz do ecofeminismo as possibilidades de construção de recursos lúdicos para a Educação Ambiental a partir de biografias de mulheres da Grande Curitiba.

Como objetivos específicos, pode-se listar: apresentar o ecofeminismo e construir teoricamente uma relação entre ciência, gênero, território e meio ambiente; recuperar brevemente a Educação Ambiental no Brasil e verificar o espaço que as mulheres receberam ao longo da história desse campo; apresentar a biografia de três mulheres ambientalistas da Grande Curitiba e como suas histórias de vida respondem aos conceitos teóricos construídos e podem ser usadas na elaboração de um recurso didático lúdico.

Para isso, um capítulo sobre o Ecofeminismo debaterá os conceitos de ciência, gênero, território e meio ambiente à luz de autoras ecofeministas. Esse é o principal aporte teórico que guiará a reflexão deste trabalho.

Na sequência, um capítulo sobre Educação ambiental e gênero permitirá compreender o “estado da arte” da educação ambiental no Brasil e mapear o espaço que as mulheres tiveram e têm na produção desse campo. Para isso, serão usados trabalhos que se preocupam com esse resgate e a revisão de literatura terá especial atenção à produção de mulheres.

Ainda, haverá um outro capítulo sobre definições metodológicas, que terá a preocupação de estabelecer de que forma a história de vida das mulheres que nortearão este trabalho serão ouvidas. O trabalho é de natureza qualitativa e usará entrevistas em profundidade sob o método História de Vida, além de análise documental de forma subsidiária, para coletar dados em relação à biografia dessas mulheres. Neste capítulo, será apontado também como se pretende analisar os dados coletados.

DOI: 10.5380/12ppgecm2022.resumo17p117-122

Por fim, no último capítulo, será relatada a forma como os dados foram organizados e de que maneira eles subsidiaram a construção do instrumento didático, destinado ao uso em sala de aula. Esse material será detalhado em texto e imagens e pretende-se demonstrar como o ecofeminismo auxiliou no amparo às principais categorias.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao iniciar a apresentação teórica, é oportuno falar qual nosso lugar de partida do ponto de vista epistemológico. Filiamo-nos à perspectiva que têm na ciência um ponto de partida sistemático e rigoroso para a compreensão da realidade, mas também para sua transformação.

Para o pesquisador português Boaventura de Sousa Santos (2018, 2019), classe e gênero se interseccionam e apontam para a necessidade de outra ciência. Sousa questiona, por exemplo, se a sala de aula universitária não pode ser dividida entre um pesquisador e alguém que maneja o conhecimento popular, “artesanal”, em uma perspectiva freireana. Isso passa por alianças políticas que, no futuro, terão uma dimensão epistemológica e que nela os investigadores pós-abissais se sentirão “em casa” (2019, p. 389).

É sob esse olhar, aproximando a academia da vida social, que nos interessa compreender novas alternativas teóricas e epistemológicas de lidar com questões de pesquisa caras à Educação Ambiental, campo de investigação deste trabalho. Assim, apresentaremos o ecofeminismo como uma soma de esforços e formulações preocupadas em compreender, explicar e intervir no mundo. Acreditamos que a Educação Ambiental ganha com a potência intelectual ecofeminista, na medida em que o capitalismo e o patriarcado possuem intersecções de exploração e opressão, também a resistência a esses poderes possui a potência de conjugar forças, saberes e outras formas de estar no mundo e conhecê-lo.

Como se pode perceber, a ciência contemporânea tem colocado em xeque alguns de seus pressupostos mais elementares, a exemplo da objetividade e da neutralidade no processo de conhecer a realidade. Mas fazer essa crítica de um ponto de vista de gênero dá condições de avançar ainda mais nesse terreno, já que parte do diagnóstico de que os cientistas em sua maioria são homens e é o discurso patriarcal que organiza esses saberes.

Não existe um só ecofeminismo. A pluralidade de posições e a ausência de um controle rígido ou de uma escola teórica que crie uma hegemonia sobre o campo é algo constitutivo da área, que trabalha sob o conceito de práxis. Teoria e prática se integram e articulam conhecimentos para compreender tanto “as diferentes formas de opressão quanto as experiências das mulheres que revelam modos não hierárquico-dualistas e não exploratórios de estabelecer as relações sociais, ambientais e interespecies” (ROSENDO; KUHNEN, 2021, p. 19).

Resgatando elementos que escapam à academia, Rosendo e Kuhnem comentam que a elaboração do conhecimento ecofeminista não se concentra nas universidades, mas participa desse espaço, aproximando-se da ideia de uma universidade mais popular de Santos (2019):

Por isso, seria equivocado afirmar que “o ecofeminismo” surge na academia, como uma teoria singular, pois no mesmo período em que as intelectuais estavam desenvolvendo articulações teóricas a partir das reflexões sobre a materialidade das opressões interconectadas, movimentos de mulheres em diferentes lugares do mundo

DOI: 10.5380/12ppgecm2022.resumo17p117-122

também percebiam a conexão entre as diferentes formas de exploração e a importância de lutarem pelos territórios e bens comuns (ROSENDO; KUHNE, 2021, p. 21).

Na medida em que o campo é formado pelos mais diferentes atores, mesmo aqueles que não são cientistas, abre-se um horizonte para pensar se a escola também pode ser um espaço de produção ecofeminista. Mais especificamente, interessa-nos investigar a pertinência do ecofeminismo como elemento indutor de reflexões em aulas de Educação Ambiental com jovens do Ensino Básico. Quais serão os resultados possíveis do encontro das autoras ecofeministas com a crítica ambiental elaborada junto às crianças e adolescentes na escola? Pode haver aí um campo profícuo para orientar o ecofeminismo do ponto de vista das questões concretas da realidade brasileira, mas também interessante para responder aos desafios da própria Educação Ambiental.

Deve-se ter em conta, sobretudo, que interseccionar o gênero com a Educação Ambiental pode oferecer respostas importantes na superação dos desafios ambientais. Nesse sentido, a lacuna de representatividade e de direitos políticos que as mulheres sofrem acabam por limitar a capacidade de formulação de soluções que seriam desejáveis a todos. Assim, mesmo movimentos ecologicamente preocupados, como a justiça ambiental, acabam por passar à margem de dinâmicas fundamentais à resolução desses problemas. Portanto, convém nesse momento apresentar a Educação Ambiental e verificar os pontos de aproximação com o ecofeminismo.

Segundo Carvalho, a Educação Ambiental e sua dimensão política devem se estruturar em torno de uma tríade: conhecimento; participação e cidadania; e valores éticos e estéticos (CARVALHO, 2006, p. 27). Ou seja, junto à construção de conhecimento, estão inscritas as dimensões políticas, sociais e filosóficas do conteúdo e suas implicações.

O autor observa ainda que o educador deve apostar nas práticas simbolizadoras, “caminhos de expressão de nossas compreensões sobre a natureza e a vida” (CARVALHO, 2016, p. 39).

Nesse sentido, abre-se um campo para pensar diferentes formas de inserir o conteúdo ecofeminista nas aulas de Educação Ambiental. E, na investigação que propomos, pretendemos observar as intersecções com a ideia de criar um tabuleiro gigante em sala de aula.

Trata-se de uma linguagem que dialoga diretamente com o cotidiano dos jovens e possui horizontes de aprendizado bastante ricos. Assim, interessa-nos experimentar a possibilidade de empregar um jogo como ferramenta de ensino da Educação Ambiental e ter, em sua concepção, a história de vida de mulheres ambientalistas para motivar a dinâmica didática.

## METODOLOGIA

Como um trabalho de natureza qualitativa, este percurso está interessado em analisar uma realidade circunscrita: explorar a história de vida de mulheres ambientalistas da Grande Curitiba e assim ter ferramentas para elaborar um jogo como instrumento didático do ensino de Educação Ambiental.

Para isso, optou-se por entrevistas em profundidade, consideradas aqui como aquelas com um único respondente e que não se confundem, portanto, nem com o grupo focal, nem  
Centro Politécnico – s/n – Edifício da Administração – 4º Andar – CEP 81.531-990 – CP 19.081 –  
Jardim das Américas – Curitiba – PR  
ppgecm@ufpr.br www.ppgecm.ufpr.br

DOI: 10.5380/12ppgecm2022.resumo17p117-122

com a observação continuada (GASKELL, 2002). Esse instrumento é especialmente útil quando o objetivo da pesquisa passa por “explorar em profundidade o mundo da vida do indivíduo” e quando o tópico se refere a experiências individuais detalhadas (GASKELL, 2002, p. 78).

Esse enquadramento vai ao encontro do método de História de Vida, que vem sendo utilizada como uma alternativa à hegemonia de modelos funcionalistas, marxistas e estruturalistas (JOSSO, 2004).

Ainda sobre essa abordagem, Queiroz entende que se trata do “relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu” (QUEIROZ, 1988, p. 20).

Subsidiariamente, serão coletados dados em fontes documentais que possam ser úteis à reconstituição da história de vida das mulheres escolhidas para dar narratividade ao jogo a ser elaborado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se com esse trabalho oferecer uma contribuição ao campo de ensino ligado à Educação Ambiental no Ensino Básico. Espera-se poder fomentar práticas pedagógicas inovadoras, mais próximas do cotidiano dos estudantes e que sejam eficazes na produção de conhecimento sobre a área.

A história do movimento ambiental no Paraná possui diversas mulheres de destaque, mas suas biografias ainda são pouco conhecidas, sobretudo entre jovens. Assim, este trabalho poderá contribuir também na reverberação dessas personagens, que terão suas histórias de vida multiplicadas entre os estudantes.

Além disso, consideramos oportuno articular a relação gênero-meio ambiente. Esperamos que o ecofeminismo seja útil na edificação dessa questão.

## REFERÊNCIAS

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. **Parâmetros Nacionais Curriculares do Ensino Médio**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf> Acesso em: 6 dez 2021.

BUCKINGHAM, S. **Ecofeminism**. Publicado em: 2015. Acesso em: 11 nov 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/topics/social-sciences/ecofeminism>

CARVALHO, L. M. **A temática ambiental e o processo educativo: dimensões e abordagens**. In: CINQUETTI, H. S.; LOGAREZZI, A. Consumo e resíduos: fundamentos para o trabalho educativo. São Carlos: Edufscar, 2006, p. 19-41.

JOSSO, M. C. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004

Centro Politécnico – s/n – Edifício da Administração – 4º Andar – CEP 81.531-990 – CP 19.081 –  
Jardim das Américas – Curitiba – PR  
ppgecm@ufpr.br www.ppgecm.ufpr.br



**XII WORKSHOP**  
**II ESCOLA DE VERÃO**  
**PPGECM - UFPR**  
07 A 11 DE MARÇO DE 2022 - CURITIBA - PR



DOI: 10.5380/12ppgecm2022.resumo17p117-122

KUHNEN, T. A.; ROSENDO, D. **Ecofeminismos**. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, v. 7, n. 2, p. 16-40, 2021.

QUEIROZ, M. I. **Relatos orais**: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON (org.) Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, 1988.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SILVA-BATISTA, I. C.; MORAES, R. R. **História do ensino de Ciências na Educação Básica no Brasil** (do Império até os dias atuais). Revista Educação Pública, v. 19, n. 26, 22 de outubro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/26/historia-do-ensino-de-ciencias-na-educacao-basica-no-brasil-do-imperio-ate-os-dias-atuais>

ZEIN, L. F. **Visão Geral do Ecofeminismo**. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/335441481\\_General\\_Overview\\_of\\_Ecofeminism](https://www.researchgate.net/publication/335441481_General_Overview_of_Ecofeminism). Publicado em: ago 2017. Acesso em: 11 nov 2021.